

Apresentação

Os artigos publicados neste número especial da revista *Natureza Humana* foram apresentados no III^o Simpósio Internacional de Filosofia: Identidade Pessoal e Reconhecimento, realizado em Vale Vêneto, RS, no mês de junho de 2007. O evento, que recebeu o apoio decisivo do CNPq (no âmbito do programa Prosul), orientou-se principalmente para um trabalho de cooperação entre pesquisadores brasileiros e latino-americanos. As contribuições agora publicadas estão dedicadas ao exame das relações entre os conceitos de pessoa, identidade pessoal e reconhecimento. O tema aglutinador das contribuições apresentadas no III^o Simpósio Internacional de Filosofia relaciona-se com problemas centrais da filosofia teórica e da filosofia prática, questões essas que possuem referência direta com a filosofia da linguagem, a filosofia da mente, a antropologia filosófica e também com a metafísica. Esse vínculo entre os conceitos de identidade pessoal e reconhecimento possibilita uma interação entre diferentes tradições da filosofia moderna e contemporânea, o que está nitidamente refletido na diversidade e no alcance dos artigos publicados a seguir.

No artigo que abre o presente volume, “A gênese teológica do conceito de pessoa e a sua evolução filosófica com Boécio e Tomás”, Alfredo Culleton mostra que, entre os capadócijs, o sentido predominante do conceito de pessoa é o de *hypóstasis*, e não tanto o de personagem, *prósopon*. Iniciando com uma consideração do tratamento dispensado ao conceito de pessoa no mundo latino dos padres da Igreja – especialmente no tratamento das controvérsias trinitárias –, o artigo mostra como os pensadores da Idade Média se posicionam a respeito da noção de *pessoa* tendo como referência o conceito desenvolvido por Boécio: *Persona est naturae rationalis individua substantia*. Já Tomás de Aquino reforça o aspecto relacional do conceito,

mesmo afirmando simultaneamente a sua substancialidade. O artigo conclui mostrando que, para Tomás, *pessoa* é distinção e relação, e a identidade pessoal reside na radical unidade de corpo e alma, em que o mesmo homem ou pessoa se percebe a si mesmo como ser de entendimento e de sensação. Aqui residiria a novidade do conceito de pessoa: entendimento e sensação únicos numa unidade relacional com o outro e que acaba com a morte.

Em “Considerações sobre a crítica de Strawson a Descartes”, Albertinho Luiz Gallina apresenta a crítica feita a Descartes em relação aos conceitos de “pessoa” e “identidade pessoal”. A proposta cartesiana é examinada por referência aos conceitos de “sentido externo”, “sentido interno”, “introspecção” e “consciência”, analisando a crítica feita a Descartes ao lhe imputar o equívoco de tratar a identidade em termos de uma auto-identidade. Num segundo momento, são caracterizados os conceitos de “pessoa” e “identidade pessoal” fornecidos por Strawson. Com base nessa caracterização pretende investigar em que consiste a crítica à concepção cartesiana e os possíveis problemas que ela comporta.

Na seqüência, são apresentados dois trabalhos que abordam o problema da identidade e do reconhecimento no contexto do Idealismo Alemão. Em “Reconocimiento y unidad sistémico-especulativa en Hegel”, Carlos B. Gutiérrez concentra-se especificamente no problema do reconhecimento na obra de Hegel. Ele ressalta que, com o princípio do reconhecimento, Hegel não pretendeu uma generalização de um tipo especial de ação ou de relações sociais, mas sim indicar a estrutura de um processo formativo tanto da consciência individual como da consciência em geral, estrutura essa que determinaria especificamente as diferentes formas de interação e de relações sociais. Tendo percorrido inicialmente os escritos de Jena e a *Fenomenologia do Espírito*, Gutierrez concentra-se no Primeiro Livro da *Ciência da Lógica*, mostrando como a lógica da reflexão culmina na dissolução lógica do outro. Essas análises culminam na exibição de uma tendência presente no sistema filosófico de Hegel e que retorna em certas passagens da filosofia da história com um traço claramente homogeneizante. Não por acaso, conclui o artigo, as oposições ao sistema de Hegel concederam um papel central ao outro e à alteridade.

Em “Identidade e normatividade em Fichte e Hegel”, Christian Klotz reconstrói a vinculação, defendida por Fichte e Hegel, entre a identidade consciente do agente e sua orientação por normas consideradas categoricamente válidas. O autor mostra como, através dessa idéia de vinculação, Fichte e Hegel pretendiam manter e aprofundar a concepção kantiana de autonomia. Enquanto Fichte introduziu a identidade normativa no quadro de uma teoria da moralidade individual, Hegel a transformou numa concepção de identidade ética com fundamento na prática normativa da comunidade. O artigo extrai uma importante conclusão: apesar de Fichte ter sido o primeiro filósofo a introduzir a concepção de reconhecimento na filosofia pós-kantiana, foi Hegel que estabeleceu uma relação mais estreita entre identidade e reconhecimento.

As duas próximas contribuições situam-se no âmbito da fenomenologia de Husserl e de Heidegger. Em “Identidade pessoal em Husserl: razão e motivação”, Marcelo Fabri examina o papel do conceito de motivação no mundo próprio da consciência, mostrando como, para Husserl, esse mundo se compreende a partir da lei de motivação e atinge seu ponto culminante com o ideal de uma vida guiada prioritariamente por propósitos racionais e eticamente justificáveis. No centro do mundo da consciência localiza-se o conceito de pessoa, que se encontra na fronteira de dois registros muito diferentes: de um lado, Husserl fala de leis *a priori*, formas da racionalidade independentes de toda matéria ou situação contingente, e, de outro lado, procura articular essa legislação com atos subjetivos de valoração e volição. Marcelo Fabri examina as dificuldades que resultam de tal posição, por exemplo: como adequar situações humanas em sua radical contingência a uma lei formal, sem determinar essas situações por um princípio universal vazio? O artigo sustenta a tese de que o conceito de pessoa permite enfrentar a dificuldade resultante da problemática passagem do plano lógico-formal para o plano material da práxis, no qual importam decisões e ações nem sempre passíveis de determinação *a priori*.

Em “Identidade, finitude e reconhecimento na ontologia da possibilidade finita de Martin Heidegger”, Róbson Ramos dos Reis examina a relação entre o conceito de finitude e a identidade própria do ser humano, de acordo com o projeto da ontologia hermenêutica de Martin Heidegger. Iniciando com a reconstrução do marco geral no qual se situa a tematização ontológica do ser humano, no artigo é ressaltada a formulação do conceito de finitude em termos modais, derivada da noção de possibilidade existencial. Nesses termos, um conceito existencial de identidade pessoal compromete-se com um processo formativo determinado por uma negatividade de base. O texto é concluído com uma breve indicação do sentido que poderia receber uma noção ontológico-existencial de reconhecimento, que não seria prioritariamente formulada no contexto da interação entre seres humanos, mas sim na pertinência a uma história de possibilidades ontológicas.

Os dois trabalhos que se seguem analisam aspectos específicos da concepção de identidade pessoal na obra de Paul Ricoeur. Em “Identidade pessoal e narrativa: a perspectiva de Paul Ricoeur”, Noeli Dutra Rossatto mostra como o problema da identidade pessoal em Paul Ricoeur reúne sob uma mesma rubrica os temas da identidade pessoal, da identidade narrativa e da identidade pessoal como identidade narrativa. Em substituição a uma noção de *identidade-idem* Ricoeur apresenta uma *identidade-ipse* que pode ser tomada como sinônimo de identidade narrativa. A introdução da teoria narrativa na definição da identidade pessoal vem ao encontro da resolução do problema surgido ao se tentar superar uma identidade pensada de modo substancial, estático e formal. A narrativa dá abrigo à postulação de uma identidade dinâmica que, por sua vez, garante a unidade de vida no decurso do tempo. O trabalho é concluído com uma avaliação da teoria narrativa seguida por Ricoeur no que se refere especialmente aos conceitos de experiência vivida (*expérience vécue*) e história narrada (*histoire racontée*) ou narrável.

Em “Um aspecto do tempo nas relações entre narrativa e reconhecimento a partir de Paul Ricoeur”, Hélio Salles Gentil aborda a obra

Parcours de la reconnaissance, na qual Ricoeur faz referência a três narrativas de diferentes gêneros: uma épica, de Homero; uma dramática, de Sófocles; outra romanesca, de Proust. As duas primeiras são consideradas no estabelecimento do que ele chama de “fundo grego da compreensão da relação entre o agente e seu ato”. A narrativa romanesca de Proust permite-lhe nomear a distinção entre o reconhecimento de coisas e o reconhecimento de pessoas, formulando a questão da passagem do tempo, também implicada na leitura das duas outras narrativas. O autor mostra como a passagem do tempo é a condição para o surgimento de três dificuldades: o reconhecimento de outro sujeito, o reconhecimento de si pelo outro e a possibilidade de um reconhecimento de si por si mesmo. Esses três problemas e a noção fundamental de “identidade narrativa” constituem a base sobre a qual é formulada a questão que este artigo procura responder: de que maneira as narrativas – históricas e ficcionais, de histórias individuais e/ou coletivas – participam na constituição de um reconhecimento mútuo?

A abordagem da identidade pessoal feita por Strawson é retomada por Francisco Naishtat sob outra perspectiva, no artigo “Identidad y reconocimiento en el legado del giro lingüístico. Las miradas de P. Ricoeur e P. F. Strawson”. Neste artigo são estabelecidas as teses principais sustentadas por ambos os autores a respeito da identidade pessoal e de sua relação com a alteridade. Tomando por base a concepção de uma identidade narrativa, formulada por Ricoeur, o artigo mostra que as duas perspectivas consideradas não são complementares, mas, ao contrário, mantêm um divórcio profundo em relação à subjetividade. A diferença nas abordagens é especialmente evidente quando se considera o acento ético-político que repousa na concepção do *self* segundo Ricoeur e a neutralidade ética da ontologia de Strawson.

Encerrando a presente coletânea de artigos, “A questão do reconhecimento segundo a perspectiva de Werner Heisenberg”, de Antonio Augusto Passos Videira, é uma contribuição especial, pois trata do problema do reconhecimento, não em termos de uma análise conceitual ou de uma reconstrução histórica. Antônio Augusto aborda as concepções

científico-filosóficas do físico teórico Werner Heisenberg, mostrando que ele compreendeu a ciência não apenas como um tipo de conhecimento sobre a realidade, mas também como uma forma de os seres humanos se situarem no mundo. Essa concepção levou a uma reflexão sobre motivação dos cientistas para a prática científica, e Heisenberg estava interessado em mostrar que a ciência poderia auxiliar na orientação de seus semelhantes. Antônio Augusto ressalta como a estratégia de Heisenberg consistiu em mostrar que, como no caso de Kepler, a motivação do cientista natural não era muito diferente da dos teólogos. A questão que se coloca, então, é como *reconhecer* tal semelhança. Heisenberg acreditava ser imprescindível que os seus colegas reconhecessem que entre as motivações da prática da ciência encontram-se aquelas dos artistas, dos filósofos e dos homens que crêem. Central na abordagem do artigo é a constatação de que, par Heisenberg, a chance de sobrevivência para a ciência está no reconhecimento de que ela não é tão específica quanto acredita ser.

Pelo decisivo apoio para a realização e publicação do *Livro de Conferências do IIIº Simpósio Internacional de Filosofia: Identidade Pessoal e Reconhecimento* os organizadores agradecem ao CNPq (no programa Prosul 14/2006), ao Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFSM, ao Departamento de Filosofia da UFSM, ao Centro de Processamento de Dados da UFSM (no trabalho de registro audiovisual), à Faculdade Palotina, ao Colégio Palotino de Vale Vêneto, à Escola Estadual de Ensino Fundamental Pe. Rafael Iop e ao Banco do Brasil. Em especial, os organizadores agradecem a Albertinho Luiz Gallina, a Adrian de Castro, a André Roberto Cremonezi, ao Irmão Chico, a Jair Krassuski, a Marcelo Fabri, a Noeli Dutra Rossatto, a Ronai Pires da Rocha, a Sergio Calil e sobretudo à equipe de monitores que trabalhou durante o evento.

Róbson Ramos dos Reis
Cláudio Reichert do Nascimento
Juliana Mezzomo Flores